

Concepções de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol

CDD. 20.ed. 796.073
796.325

Michel MILISTETD*
Isabel MESQUITA*
Juarez Vieira do NASCIMENTO**
Antônio Evanhoé Pereira de SOUSA SOBRINHO*

*Faculdade de Desporto, Universidade do Porto - Portugal.
**Universidade Federal de Santa Catarina.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo examinar a concepção de treinadores experts acerca das etapas de formação desportiva a longo prazo do jogador de Voleibol. A amostra do estudo foi composta por 10 treinadores “experts” brasileiros. Os sujeitos apresentaram idade média de $45 \pm 13,8$ anos e $24,8 \pm 12,1$ anos de experiência profissional, sendo todos licenciados em Educação Física. Os dados foram coletados por meio de entrevista estruturada e de resposta aberta, baseada no protocolo de FERNANDES (2004). A sua adaptação de conteúdo à realidade sócio-cultural e desportiva brasileira foi efetivada pelo método de peritagem. O tratamento das informações foi realizado por meio da análise de conteúdo, com o recurso à interpretação lógico-semântico das ideias prevalentes no “corpus” das entrevistas. A fidedignidade de codificação foi assegurada pela percentagem de acordos, para o mesmo codificador e codificadores distintos, situando-se os valores registrados entre 95% e 100%. Os resultados revelaram o desconhecimento, por parte dos investigados, acerca da existência de um modelo de formação desportiva do voleibolista, a longo prazo, no Brasil. Além de confirmarem que o Voleibol é uma modalidade de especialização tardia, os participantes do estudo apontam que a idade de iniciação da sua prática sistemática se situa no início da adolescência, por volta dos 13 anos. As componentes de desenvolvimento desportivo acentuam a prática do jogo deliberado na primeira etapa, onde as experiências motoras diversificadas prevalecem. A partir da segunda etapa aumenta a prática deliberada, com o incremento da aquisição de competências específicas e o comprometimento com a modalidade. A ausência de especificação dos conteúdos de treino ao longo das etapas, bem como a parca referência às competências psico-sociais pode dever-se, em grande medida, à possível inexistência de um modelo nacional referenciador da formação desportiva a longo prazo do jogador de Voleibol.

UNITERMOS: Treinadores; Formação desportiva; Voleibol.

Introdução

As razões da prática desportiva para o ser humano variam ao longo dos anos e seus significados podem ser múltiplos. No início, ainda quando criança, o primeiro contato com a atividade desportiva pode ser decisivo para uma forte ligação ao longo da vida (PAES, 2006). Em todo o mundo, há um elevado número de crianças e adolescentes envolvidos em programas regulares de desporto, nos mais diversos âmbitos. Além disso, para a grande maioria destes jovens, o desporto é considerado como umas das atividades mais importantes nas suas vidas (MARQUES, 2006).

Quando se trata de formação desportiva dos mais jovens, assume-se que as crianças e os adolescentes

devem ser encarados como sujeitos da preparação. Para tanto, o treino e a competição devem situar-se num quadro estrito de respeito pela sua educação e formação, no que se referencia aos seus pressupostos e interesses (MARQUES, 1999). Contudo, a crescente importância social do fenómeno desportivo, aliada a um acentuado aumento na oferta de competições num quadro desportivo cada vez mais especializado, passou a definir novas exigências no domínio da preparação, determinando participações e especializações de crianças e jovens cada vez mais precoces (SILVA, FERNANDES & CELANI, 2001).

Em diferentes países, a prática e a competição desportiva organizada se iniciam por volta dos seis ou sete anos, não raramente orientadas para uma única modalidade (ARMSTRONG & WELSMAN, 2005). Em consequência disto, muitas crianças passam diversos anos praticando intensos treinos subordinados à exaltação precoce do rendimento competitivo. Esta situação, encontra algum reflexo na realidade Brasileira, na medida em que PAES (2006), ao analisar a iniciação desportiva dos mais novos neste país, relata que a maioria das crianças começa sua formação em “escolinhas” desportivas voltadas para uma modalidade, as quais têm frequentemente promovido uma formação especializada, logo nos primeiros anos de contato desportivo. Todavia, a Academia Americana de Pediatria (AAP), em defesa das crianças e jovens, declara-se contra a especialização em um único desporto, porquanto esta minimiza os benefícios da atividade variada e aumenta os riscos físicos, fisiológicos, e psicológicos pelo treino excessivamente intenso e especializado. Contrariamente enfatiza que as crianças que participam em uma variedade de jogos desportivos, e só se especializam depois de alcançar a puberdade, tendem a ser atletas mais consistentes, com menores danos, e contribuindo para um desenvolvimento desportivo pleno ao longo dos anos (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2000).

Apesar das investigações não serem conclusivas na confirmação do papel da iniciação diversificada no desenvolvimento de atletas de elite, é evidente a sua importância na vantagem que acrescentam, aos atletas que usufruírem dela, ao nível das capacidades físicas e cognitivas quando comparados aos que realizaram sempre o mesmo desporto (BAKER, COTÉ & ABERNETHY, 2003). Pesquisas baseadas em entrevistas retrospectivas a atletas adultos de elite, têm salientado a importância da passagem gradual e sistemática dos atletas por diferentes etapas de formação, com características diferenciadas, desde os níveis iniciais de prática até ao alcance da excelência desportiva. A partir dos resultados destas pesquisas, BAKER, COTÉ e ABERNETHY (2003), COTÉ e HAY (2002) e COTÉ, BAKER e ABERNETHY (2003) conceberam o Modelo Desenvolvimental da Participação Desportiva, o qual distingue três etapas de formação desportiva a longo prazo: os anos de experiências variadas (6-12 anos), nos quais são dominantes a pluralidade de vivências motoras bem como a prática do jogo deliberado (prática do jogo onde o carácter lúdico de participação e envolvimento nas atividades são objetivos prioritários); os anos de especialização (13-15 anos) caracterizados pela definição da prática de uma, quando muito duas, modalidade desportiva, verificando-se equilíbrio entre o jogo deliberado e a prática deliberada (Atividades

altamente estruturadas, com objetivos explícitos acerca da performance a alcançar, sujeitas a um comprometimento pessoal intensificado); e os anos de investimento (mais de 16 anos), nos quais o comprometimento com a modalidade é total, por meio de uma prática deliberada sistemática. A ênfase no jogo deliberado e na motivação intrínseca dos primeiros anos cede, gradualmente, lugar à prática deliberada e à motivação orientada para o rendimento. Os autores salientam a relevância do papel intrinsecamente motivante das atividades diversificadas no comprometimento a longo prazo, apelidadas de “jogo deliberado”, praticadas na etapa entre os seis e os 12 anos (COTÉ & HAY, 2002). Nomeadamente ao nível dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), os atletas de alto nível relevam a importância da vivência de experiências plurais, nas etapas iniciais, no desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão (HILL, 1993; MESQUITA & GRAÇA, 2002). Por seu turno, BALYI (2001), enfatiza ao longo de cinco etapas de formação a passagem gradual da prática desportiva centrada no desenvolvimento da capacidade de aprender a treinar para a capacidade de competir, designando a 1ª Etapa fundamentos, a 2ª Etapa, aprender a treinar, a 3ª Etapa treinar para treinar, a 4ª Etapa treinar para competir e a 5ª Etapa treinar para ganhar.

Diante dos problemas enfrentados quanto ao envolvimento desportivo de crianças e jovens, e sabendo-se dos perigos da exaltação de resultados competitivos nas categorias de formação, com implicações no desenvolvimento a longo prazo (BALYI & HAMILTON, 2004), questiona-se sobre qual será a idade “ideal”, bem como a presença de outros marcadores que possam indicar o início de uma formação sistematizada em uma única modalidade desportiva. ESTRIGA e MAIA (2003) declaram que não há conhecimento de estudos empíricos de referência que possam definir a “idade ótima” de iniciação à especialização desportiva numa modalidade.

Estudos centrados nas concepções de treinadores e especialistas portugueses sobre a formação desportiva a longo prazo do jogador de Voleibol, oferecem algumas referências, embora não conclusivas, no que concerne à identificação de idade “ideal” para o início da prática regular do Voleibol. No estudo de ESTRIGA e MAIA (2003) não foi identificada uma idade precisa para o início da prática regular. Além disso, os treinadores investigados destacaram, como principal indicador, a prontidão motora-desportiva orientada para a modalidade, nomeadamente as capacidades coordenativas e os parâmetros antropométricos. Por sua vez, os treinadores “experts” do estudo de FERNANDES (2004) apontaram o intervalo entre os 10 e 12 anos como a idade adequada para o início do envolvimento

específico com a modalidade. Estes resultados corroboram os encontrados no estudo retrospectivo realizado com 20 jogadoras brasileiras de Voleibol, no qual DA MATTA (2004) identificou um envolvimento regular com a modalidade na faixa etária dos 11 aos 13 anos, considerado pelas participantes como uma idade ideal para a sua iniciação.

Independentemente da idade de início do envolvimento regular com uma modalidade, torna-se imprescindível evitar que a prática desportiva dos mais jovens se oriente por processos reguladores do máximo rendimento e do resultado elevado (SILVA, FERNANDES & CELANI, 2001). Desta forma, o Desporto deve se moldar no sentido de atender às necessidades da população infantil e juvenil, assumindo um papel formativo adaptado às suas características biopsicossociais.

Nesta perspectiva, o presente estudo foi realizado para responder as seguintes perguntas: Há um modelo nacional de formação desportiva a longo prazo no Voleibol brasileiro e quais são suas principais características? Qual a idade de início da prática regular na modalidade? Quais as concepções de treinadores brasileiros sobre as etapas da formação esportiva de longo prazo, no que se referencia ao desenvolvimento dos respectivos componentes de treino e das capacidades motoras?

Diante do exposto, o objetivo do estudo foi examinar as principais concepções de treinadores brasileiros

“experts” acerca das etapas do processo de formação desportiva a longo prazo de jogadores de Voleibol. Além da tentativa de fornecer informação útil sobre o processo de formação desportiva de longo prazo no Voleibol, a realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade de auxiliar treinadores e formadores de treinadores na iniciação adequada da especialização desportiva bem como na estruturação das etapas de desenvolvimento desportivo.

Os estudos realizados neste âmbito têm analisado as representações dos atletas “experts” acerca do processo de formação desportiva a longo prazo (BAKER, COTÉ, & ABERNETHY, 2003; COTÉ & HAY, 2002; COTÉ, BAKER & ABERNETHY, 2003). Identificar as perspectivas dos treinadores “experts” será particularmente relevante, considerando que compete aos treinadores o delineamento do processo de desenvolvimento desportivo a longo prazo dos atletas, assim como tornou-se interessante compreender o que pensam os treinadores que assumem na hierarquia desta profissão um lugar de referência. A opção de realizar o estudo com treinadores brasileiros decorreu do fato do Voleibol brasileiro ser na atualidade uma referência incontestável no alto nível de rendimento à escala mundial. Deste modo, urge identificar as concepções de treinadores, com competência profissional reconhecida neste país, no âmbito do processo de formação desportiva do jogador brasileiro de Voleibol.

Material e métodos

Participaram do estudo 10 treinadores de Voleibol, da categoria infanto-juvenil masculina, de diferentes estados brasileiros. A escolha dos participantes foi intencional e baseou-se em critérios que exigiam a participação como treinador em competições nacionais nesta categoria ou a participação em comissão técnica da Seleção Nacional da categoria infanto-juvenil. Além do reconhecimento pelos pares da comunidade desportiva na qual estão inseridos, os treinadores investigados possuíam curriculum profissional de destaque na categoria infanto-juvenil e elevada experiência profissional.

A amostra apresentou idade média de $45 \pm 13,8$ anos e $24,8 \pm 12,1$ anos de experiência federativa no Voleibol, possuindo todos a licenciatura plena em Educação Física. Todos os treinadores encontravam-se na fase de estabilização profissional, a qual é considerada por BURDEN (1990) a partir de cinco anos de experiência profissional.

Os dados foram coletados por meio da aplicação de um protocolo de entrevista com respostas abertas. A estrutura da entrevista baseou-se no protocolo de FERNANDES (2004), desenvolvido para obter informações sobre as concepções de treinadores portugueses, relativamente à formação desportiva do jogador de Voleibol. Em virtude da presente amostra ser brasileira e o estudo referenciar-se a uma realidade sócio-cultural e desportiva distinta, algumas perguntas do roteiro da entrevista sofreram adaptações de conteúdo, as quais foram validadas pelo método de peritagem. Para a validação fizeram parte o investigador principal e um perito na área do Voleibol, com elevada formação acadêmica e com vasta experiência na área do treino, no contexto da formação de jogadores tendo em vista o alto rendimento.

As entrevistas ocorreram durante a realização do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais (Divisão Especial), sendo realizadas num ambiente tranquilo,

de forma a assegurar a privacidade e a confiança dos participantes para o aprofundamento das questões. Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos participantes do estudo, as entrevistas foram registradas por meio de um gravador digital da marca Sony, modelo ICD-P Séries, sendo posteriormente transcritas e processadas para o computador. Para assegurar a validação das informações, as transcrições foram encaminhadas aos participantes para confirmarem o seu conteúdo.

Na transcrição das respostas dos treinadores, respeitou-se o discurso oral e a gramaticalidade, de forma a garantir a preservação do conteúdo semântico das respostas dos investigados. O procedimento sistemático de audição e confirmação de pequenos segmentos de texto (de palavras a pequenas frases) foi empregado para garantir a fiabilidade das transcrições.

A construção da grelha de codificação dos dados baseou-se, inicialmente, na de FERNANDES (2004) e, na sequência, pelo suporte da literatura da especialidade (BAKER, 2003; BALYI, 2001; BARBANTI, 2005; BERMUDEZ & CHAURRA, 2002; BLOOM, 1985; BOMPA, 1999, 2000; COTÉ, 1999; COTÉ & HAY, 2002; GIRÁLDEZ, PATIÑO & SOIDÁN, 2006; MARQUES, 1993; MARQUES, MAIA, OLIVEIRA & PRISTA, 2000; MARTIN, 1999; WEINECK, 1999). Na medida em que a análise das entrevistas suscitou a integração de novas categorias, a sua configuração final foi garantida pela informação patente no “corpus” das entrevistas. A garantia de que as categorias consideradas eram representativas do problema investigado foi estabelecida pelo confronto e discussão de dois peritos (PATTON, 1990).

No sentido de se analisar o conteúdo emergente das entrevistas em referência às diferentes Etapas de Formação Desportiva, utilizou-se por referência o Modelo Desenvolvimental de Participação Desportiva descrito por BAKER, COTÉ e ABERNETHY (2003), CÔTÉ e HAY (2002), COTÉ, BAKER e ABERNETHY (2003) o qual preconiza três etapas de formação desportiva conforme já foi anteriormente descrito (dos seis aos 12 anos; dos 13 aos 15 anos; mais de 16 anos).

A grelha de codificação dos dados contemplou as seguintes categorias e sub-categorias:

1. Modelo de formação nacional no Voleibol:

- 1.1. Existência ou não;
- 1.2. Características
2. Idade de início da prática regular na modalidade;
3. Etapas de formação desportiva
 - 3.1. Numero de etapas;
 - 3.2. Componentes de desenvolvimento;
4. Componentes do treino (Técnico, Tático, Físico, Psicológico)
 - 4.1. Principais e secundários;
 - 4.2. Estruturação por etapas de formação
5. Capacidades motoras
 - 5.1. Principais e secundárias;
 - 5.2. Estruturação por etapas de formação

A partir da análise de conteúdo, a qual foi subordinada ao método de interpretação lógico-semântico das idEias prevalentes, formaram-se 1396 unidades de registro. No processo de codificação, as unidades de análise foram categorizadas de forma consistente, em cada uma das categorias da grelha de análise, de forma a assegurar a sua exclusividade e exaustividade. Estes procedimentos permitiram anular algumas ambiguidades existentes no processo de categorização, facilitando, conseqüentemente, a sua interpretação e conferindo objetividade e rigor ao processo de codificação. O trabalho de condensação da informação, de sumarização e síntese permitiu o aprofundamento na concepção dos treinadores, na identificação das similaridades e pontos de discordância. Por fim, selecionou-se um conjunto de excertos das entrevistas, no sentido de elucidar o pensamento, as perspectivas e as indicações dos treinadores, sendo apresentadas nos resultados a título exemplificativo.

No sentido de se obter maior objetividade na referência a cada uma das categorias, recorreu-se à estatística descritiva com frequências e percentagens de ocorrência pelos treinadores entrevistados. Para verificação da fidedignidade de codificação intra-observador e inter-observador foi considerado 60% do total de unidades de registro resultantes da análise de conteúdo (838 de 1396). Estes valores são substancialmente superiores ao limite mínimo aceitável (10%) para este procedimento, proposto pela literatura especializada (TABACCHNICK & FIDELL, 1996). Constatou-se valores de concordância entre 95% e 100%, acima dos valores mínimos de referência (80%) apontados por VAN DER MARS (1989).

Resultados e discussão

Modelo de formação nacional

Para identificar a existência ou não de um modelo de desenvolvimento do jogador no Voleibol Brasileiro, os participantes do estudo foram questionados se tinham conhecimento de materiais de orientação metodológica para o trabalho de formação desportiva ao longo dos anos. Além disso, perguntou-se se recebiam algum tipo de recomendação formal, por parte da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), relacionada ao desenvolvimento do atleta numa perspectiva a longo prazo.

Em nenhuma das duas questões obteve-se resposta positiva que pudesse evidenciar a existência de um modelo de referência na modalidade ou de algum tipo de recomendação fornecida pela CBV. Apenas os treinadores investigados 4 e 8 revelaram a existência de modelos de formação desportiva do voleibolista a longo prazo, com diretrizes das etapas de desenvolvimento das competências físicas, técnico-táticas, mas tais modelos foram construídos e implementados pelos clubes onde trabalham.

Apesar do Brasil constituir uma referência mundial no Voleibol, expressa nos excelentes resultados das seleções nacionais, os treinadores investigados relataram desconhecer a existência de diretrizes nacionais acerca da formação desportiva do voleibolista a longo prazo. Todavia, a preocupação com a formação desportiva de crianças e jovens a longo prazo não é recente, tendo surgido nos anos de 1960 e 1970, com grande impacto no leste europeu, principalmente na ex-URSS (PEARSON, NAUGHTON & TORODE, 2006).

Na atualidade, Canadá, Austrália, Alemanha, Reino Unido, entre outros países, são reconhecidos internacionalmente por adotarem sistemas de desenvolvimento desportivo consistentes e sustentados a longo prazo (BALIYI & HAMILTON, 2004; WILLIAMS & REILLY, 2000). Os sistemas visam a formação plural e qualificada de crianças e jovens, nos quais as competências desportivas são consideradas mas também, e não menos importantes, as de formação pessoal e social.

A preocupação em dotar o Desporto infanto-juvenil de alicerces conceituais e metodológicos robustos, os quais perfilham a filiação sustentada das crianças e jovens ao Desporto, tem vindo a gerar a implementação de modelos de desenvolvimento desportivo. A relação formal estabelecida entre estruturas institucionais desportivas e educativas bem como a coordenação entre os diferentes níveis

do sistema desportivo (DE KNOP, WYLLEMAN, THEEBOOM, DE MARTELAER, VAN HOECKE & VAN HEDDEGEM, 1999; HOULIHAN, 2000) constituem os alicerces para a estruturação da prática desportiva organizada, suportada em medidas sólidas, abrangentes e com fins plurais.

Idade de iniciação da especialização desportiva

No Voleibol, considerado uma modalidade de especialização tardia à semelhança de outros Jogos Desportivos Coletivos, é sugerida a iniciação de prática sistemática por volta dos 10 a 12 anos de idade (BAKER, COTÉ & ABERNETHY, 2003; BALIYI, 2001).

Os participantes do estudo relataram uma faixa etária média para o início da prática desportiva regular no Voleibol, em torno dos 13 anos (12,95 ± 0,64). Esta idade é apontada por jogadores brasileiros adultos de elite como o momento em que de fato iniciaram a sua prática sistemática da modalidade (DA MATTA, 2004). Sendo que os JDC são considerados modalidades de especialização tardia (BALIYI & HAMILTON, 2004), a expertise, definida por ERICKSON, KRAMPE e TESCH-RÖMER (1993) como o estado ótimo de rendimento numa atividade humana específica, é alcançada por volta dos 24 anos, podendo ser prolongada por largos anos; esta assunção é confirmada no Voleibol com praticantes brasileiros (DA MATTA, 2004). Tal significa que se os atletas iniciarem a prática do Voleibol por volta dos 13 anos necessitarão de 10 a 12 anos de prática deliberada, para atingir a “expertise”, valor de referência apontado pela literatura (BAKER, COTÉ & ABERNETHY, 2003; COTÉ & HAY, 2002; COTÉ, BAKER & ABERNETHY, 2003).

Um aspecto importante a destacar é que a idade dos atletas pode condicionar o seu desenvolvimento na carreira a longo prazo, nomeadamente na influência que exerce para a participação em níveis de prática de excelência, como o são, as seleções nacionais. Diferentes estudos mostram que os atletas do primeiro quartil do intervalo etário a que pertencem são preferidos em desfavor dos do último quartil, como comprova o estudo de HELSEN, WINCKEL e WILLIAMNS (2005). Este estudo contemplou uma vasta amostra de seleções europeias de Futebol (sub 15, sub-16, sub-17 e sub-18) e equipes participantes na taça UEFA da categoria sub-16. Os autores destacaram que a

elevada importância atribuída à composição física dos jogadores em detrimento do desempenho tático, a inclusão na mesma categoria de jogadores que podem ter quase dois anos de diferença de idade e a exagerada competitividade nas categorias mais jovens têm desfavorecido os jogadores com menos idade e com menor maturação biológica.

Etapas de formação desportiva

Os treinadores foram questionados acerca da estruturação da formação desportiva dos jovens ao longo dos anos, relacionando as componentes de desenvolvimento com os conteúdos de treino e o desenvolvimento das capacidades motoras.

Características da 1ª etapa de formação desportiva

Na primeira etapa de formação desportiva, as componentes de desenvolvimento apontadas pelos investigadores (TABELA 1) situam-se em quatro níveis: jogo modelado (n = 48), experiências motoras plurais (n = 42), treino técnico dos fundamentos (n = 38) e, por fim, treino das capacidades coordenativas (n = 28). Os resultados demonstraram, inicialmente, a preocupação dos entrevistados em modelar o jogo praticado, por meio da adaptação regulamentar em nível de prática das crianças, no sentido de possibilitar a compreensão das ideias, funções e a natureza das regras dos jogos.

TABELA 1 - Valores absolutos e relativos sobre os componentes de desenvolvimento na 1ª etapa da formação desportiva.

Treinadores	Experiências motoras plurais	Jogo modelado	Fundamentos técnicos	Capacidades coordenativas
T1	-	3	7	4
T2	5	-	9	-
T3	2	8	6	6
T4	-	6	8	-
T5	7	-	-	-
T6	8	9	-	6
T7	-	9	5	2
T8	-	13	3	4
T9	11	-	-	6
T10	9	-	-	-
Total	42 (26,9%)	48 (30,8%)	38 (24,4%)	28 (17,9%)

A investigação neste domínio (MESQUITA, GRAÇA, GOMES & CRUZ, 2005; RINK, FRENCH & TJEERDSMA, 1996; TURNER & MARTINEK, 1992) tem vindo a evidenciar a importância da implementação de modelos de ensino, que incorporem formas simplificadas de jogo com modelação das exigências táticas e técnicas, em função das capacidades cognitivas e motoras dos praticantes (Ensino do Jogo para a Compreensão de BUNKER & THORPE, 1982; Modelo de Competências nos Jogos de Invasão de MUSCH, MERTENS, TIMMERS, MERTENS, GRAÇA, TABORSKY, REMY DE CLERCQ, MULTAEL & VONDERLYNCK, 2002; Play Practice de LAUNDER, 2001; Escola da Bola de KROGER & ROTH, 2005); Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo de MESQUITA, 2006).

O destaque conferido pelos treinadores ao desenvolvimento dos fundamentos técnicos nesta etapa justifica-se na especificidade regulamentar e funcional desta modalidade. A impossibilidade de apreensão e

condução do objeto de jogo, a limitação de três toques por equipe e não dois consecutivos pelo mesmo jogador alicerçados no fato de todo o espaço de jogo ser alvo para o adversário, exigem a aquisição de um repertório técnico, necessário para garantir a existência de fluxo de jogo (MESQUITA, 2006). Aliás, os treinadores quando questionados acerca da importância das componentes de treino por etapa de formação, valorizaram a componente técnica (38,5%) em relação às demais (tático, 19%; físico, 13,3% e psicológico, 29,2%).

Um aspecto a destacar é que sabendo-se que as habilidades motoras, cognitivas e perceptivas melhoram com a idade e com a experiência, e que para o praticante as desenvolver necessita possuir algum nível de proficiência motora (MCPHERSON, 1999), torna-se crucial atender a estas prerrogativas no delineamento das tarefas de ensino da técnica nos primeiros anos de formação.

A importância conferida pelos treinadores à vivência de experiências motoras diversificadas e ao treino das capacidades coordenativas é corroborada pela literatura. De fato, diferentes modelos de formação desportiva a longo prazo, entre os quais se salienta o de BALYI (1990, 2001), preconizam a importância da aquisição dos fundamentos, através de experiências motoras plurais, os quais são edificadores da aquisição da performance sustentável a longo prazo.

As capacidades coordenativas foram apontadas pelos investigados como uma componente de desenvolvimento desta etapa, sendo consideradas como mais importantes do que as capacidades condicionais (57,4% e 42,6%, respectivamente). Tais evidências indicam a preocupação dos treinadores em dotar as crianças de estímulos variados para que tenham um desenvolvimento efetivo das capacidades que serão, nos anos posteriores, responsáveis pela aprendizagem da técnica desportiva, quando iniciarem um envolvimento sistemático com o Voleibol (MESQUITA et al., 2005).

Os investigados atribuírem elevada importância às capacidades coordenativas, sendo que os treinadores 3, 4 e 7 destacaram algumas capacidades, como a velocidade de reação, orientação espacial e equilíbrio. Estes resultados são similares àqueles encontrados por FERNANDES (2004), na investigação realizada com treinadores “experts” portugueses, que também enfatizaram o desenvolvimento das capacidades coordenativas nos primeiros anos de desenvolvimento dos jovens, nomeadamente a velocidade de reação.

Um excerto da entrevista do treinador 6 pode exemplificar a importância conferida pelos treinadores ao desenvolvimento das capacidades coordenativas durante a 1ª Etapa de Preparação.

...ela [a criança] deve que ter um bom nível motor para iniciar o volei específico... com certeza para as capacidades coordenativas são as melhores idades para serem treinadas... quando a criança é pouco estimulada na escola ou em outros desportos antes de chegar no volei, é muito mais complicado de ensinar a técnica e os movimentos específicos. Na categoria pré-mirim e mirim acho que temos ainda que dar estímulos de aprendizagem para elas de todas as capacidades coordenativas...

De destacar que em nenhum momento da entrevista os treinadores enalteceram a formação pessoal e social como componente de desenvolvimento. A ênfase na aquisição de competências como a disciplina e a perseverança, entre outras, nem tampouco a importância do carácter lúdico e atrativo da prática desportiva foram consideradas, as quais, no entanto, têm sido altamente valorizadas pela literatura especializada (BAKER, 2003; BALYI, 2001; BARBANTI, 2005; MARQUES, 1993, 1999; MARQUES et al., 2000; MARTIN, 1999; WEINECK, 1999) nesta etapa de desenvolvimento.

Características da 2ª etapa de formação desportiva

Para a 2ª etapa de formação desportiva, os treinadores indicaram quatro componentes de desenvolvimento, pela seguinte ordem: especialização desportiva, aprimoramento técnico, compreensão tática e trabalho físico específico (TABELA 2). A especialização desportiva, com 31,8% de frequência relativa, foi relatada pela totalidade da amostra, com exceção do treinador 1. Esta etapa é entendida como a transição dos estímulos variados adquiridos pela prática de diferentes desportos da etapa anterior, para a especificidade do treino e do envolvimento com a modalidade.

TABELA 2 - Valores absolutos e relativos sobre os componentes de desenvolvimento na 2ª etapa da formação desportiva.

Treinadores	Especialização desportiva	Aprimoramento técnico	Compreensão tática	Trabalho físico específico
T1	-	-	9	7
T2	5	7	-	-
T3	2	6	6	-
T4	5	4	-	5
T5	8	7	3	-
T6	8	8	-	-
T7	4	6	12	8
T8	13	5	1	4
T9	6	8	4	-
T10	6	3	3	6
Total	57 (31,8%)	54 (30,2%)	38 (21,2%)	30 (16,8%)

Os atletas de elite, a partir da análise retrospectiva das suas carreiras (BAKER, 2003; COTÊ, 1999; COTÊ, BAKER & ABERNETHY, 2003; COTÊ & HAY, 2002) destacam neste etapa a focalização na modalidade desportiva eleita, pela redução das horas de prática dispendidas em outras modalidades desportivas. Verifica-se uma redução do tempo de prática de jogo deliberado, onde o prazer da participação assume relevância, e um incremento da prática deliberada, caracterizada pela intensificação do esforço físico e psicológico. Todos os componentes indicados pelos investigadores são apontados nos modelos de formação descritos na literatura (AVCA, 1989; CVA, 1997; FIVB, 1989) em referência ao Voleibol. Todavia, similar ao que foi constatado na etapa anterior, os componentes associados à formação pessoal e social dos jovens foram novamente negligenciados, sendo estes referenciados tanto pelos investigadores e especialistas em geral como nos modelos de formação vigentes na literatura, em relação ao Voleibol.

O aprimoramento técnico, enquanto a segunda categoria mais referenciada (30,2%), foi considerado por nove treinadores, sendo consensual que o treino deve enfatizar a aprendizagem dos fundamentos da modalidade em particular, desde o toque de dedos e a manchete, que já eram iniciados na etapa anterior, até à aquisição da técnica de ataque e de bloqueio.

Os treinadores investigados salientaram a importância do aprimoramento técnico na edificação de competências motoras básicas para o desenvolvimento tático. Como refere ERICSSON (2003), a partir do momento que uma adaptação está afinada é possível reduzir a duração do tempo de prática para um nível inicial fixado. Isso significa que quando o jogador é portador de uma técnica simultaneamente consistente e versátil, fica liberto para o treino das habilidades cognitivas e perceptíveis, porquanto o controle cinestésico prevalece sobre o controle visual na relação com a bola, característico dos jogadores de elite (MESQUITA, 2008). Deste modo, a prática deliberada das habilidades motoras, quando realizada ao longo dos anos de formação do jogador, possibilita a construção dos alicerces edificantes de uma performance motora sustentável, ao mesmo tempo que o liberta, progressivamente, para o domínio de outras habilidades, nomeadamente, as cognitivas e perceptivas, indicadores preditivos da excelência no alto nível de rendimento (MESQUITA, 2008).

Embora a aquisição de novas habilidades seja determinante nesta etapa, principalmente aquelas em referência aos momentos de jogo, como tem

sido salientado em alguns modelos de formação desportiva no Voleibol (AVCA, 1989; CVA, 1997; FIVB, 1989), é necessário que essa aquisição seja gradual, em referência ao estágio de desenvolvimento individual dos atletas. O treinador 5 comentou que a pressão colocada, não raramente, sobre os atletas, face as prerrogativas de exaltação precoce de resultados competitivos, pode provocar um enviezamento no processo de preparação, onde o rendimento se sobrepõe à formação.

No clube, por volta dos 13 anos ela [a criança] já vai encontrar uma estrutura bem diferente, com um treino propriamente visto. Vai para lá, mais vezes na semana e terá uma carga específica do treino técnico maior. Acredito que já e a idade apropriada para elas receberem essas informações, mas muitos clubes exageram na pressão com os meninos e meninas...

A compreensão tática e o início do trabalho físico específico também foram apresentados como indicadores de desenvolvimento da segunda etapa de formação desportiva, apontados por sete e cinco treinadores, respectivamente. Para estes treinadores, a aplicação de esquemas táticos de jogo, com início à especialização funcional, como seja, a formação 4:2 (quatro atacantes e dois levantadores) estimulam os jovens a uma maior compreensão do funcionamento tático do jogo, porquanto os jogadores executam funções específicas tanto no sistema ofensivo quanto defensivo. Aliás, a valorização do treino tático nesta etapa ficou bastante evidente nos conteúdos de treino, porquanto o treino tático (27,6%) suplantou o treino técnico (25,1%), o treino físico (25,7%) e o psicológico (21,6%).

Com relação ao trabalho físico específico, os treinadores investigados comentaram que durante as sessões de treino, já existem unidades específicas de trabalho, orientadas para o desenvolvimento das capacidades condicionais, nomeadamente a flexibilidade, a velocidade e a força. Nesta etapa, os treinadores destacaram o desenvolvimento das capacidades condicionais (62,1%) em relação às coordenativas (37,9%), o que tem sido corroborado pela literatura (AVCA, 1979; CVA, 1997; FIVB, 1989). Os treinadores 1 e 6 mencionam utilizar o uso do próprio corpo, em exercícios do treino para ganhos de força, principalmente de membros inferiores. Já os treinadores 4, 7 e 8 acreditam que nestas idades deve ser iniciado o trabalho com acessórios e pesos externos para o desenvolvimento da força, bem como para prevenir o aparecimento de lesões, devido às cargas de treino que são aumentadas. Estes resultados reiteram aqueles encontrados nesta etapa por FERNANDES (2004), no que diz respeito à estimulação do trabalho da força

em complemento com a velocidade, porquanto esta tem consequências inegáveis na potência e, concomitantemente, no rendimento competitivo.

Este aumento acentuado das capacidades condicionais e, conseqüentemente, diminuição da ênfase dada às capacidades coordenativas, representa consenso de que o desenvolvimento físico do atleta torna-se necessário para a evolução na modalidade, onde as capacidades de força e de velocidade exercem função primordial, expresso num excerto da entrevista ao treinador 3.

... numa fase mais especializada, as capacidades coordenativas vão sendo trabalhadas através da técnica, que são mais específicas da modalidade, porque já não podemos perder tanto tempo em atividades lúdicas e estafetas que trabalhem estas capacidades, a não ser no aquecimento e em casos particulares do treino. A partir desta fase as capacidades condicionais já são mais específicas, porque eles já dependem do acervo condicional para mostrar um rendimento particular nos fundamentos, como a velocidade e a força no ataque, mas devem ser trabalhadas com cuidado respeitando a maturação dos atletas para que não aconteçam lesões no treino.

Os treinadores brasileiros investigados apresentaram concepções mais homogêneas nesta etapa de formação desportiva, nomeadamente sobre o início da especialização desportiva e a ênfase do desenvolvimento das componentes técnica e tática, aspectos que os especialistas defendem ser coerentes com as características desta etapa de formação (BAKER, 2003; BALYI, 2001; BARBANTI, 2005; MARQUES, 1993, 1999; MARQUES et al., 2000; MARTIN, 1999;

WEINECK, 1999). Nos anos finais desta etapa, os especialistas recomendam também que o treino deve começar a possuir uma estrutura diferenciada, com a componente física encaminhada para exercícios específicos, de acordo com as solicitações da especialização funcional, a técnica desenvolvida em conjunto com a tática e a integração da estimulação psicológica no treino.

A integração progressiva no treino dos diferentes conteúdos torna-se crucial para orientar os jogadores para a percepção de estímulos específicos, capazes de identificar a informação pertinente disponível no ambiente. Somente por meio do desenvolvimento integrado das componentes tática e técnica é possível ao jogador estabelecer relações entre perceber e agir, que conduz à percepção de estímulos especificadores da ação a realizar (WILLIAMS & WARD, 2003). De fato, a capacidade perceptiva é mais incrementada pela prática de tarefas específicas, as quais integram as exigências do jogo, do que pelos processos de crescimento e maturação (ABERNETHY, BAKER & COTÉ, 2005; WILLIAMS & WARD, 2003).

Características da 3ª etapa de formação desportiva

A terceira etapa da formação desportiva do jogador de Voleibol, de acordo com os treinadores participantes do estudo (TABELA 3), deve perseguir três componentes de desenvolvimento: Treino Integrado (n = 43), Comprometimento com o treino (n = 34) e Refinamento técnico (n = 22).

TABELA 3 - Valores absolutos e relativos sobre os componentes de desenvolvimento na 3ª etapa da formação desportiva.

Treinadores	Comprometimento com o treino	Refinamento técnico	Treino integrado
T1	-	5	7
T2	6	-	8
T3	5	6	6
T4	6	-	-
T5	-	3	8
T6	-	3	4
T7	5	-	10
T8	2	2	-
T9	4	3	-
T10	6	-	-
Total	34 (34,3%)	22 (22,2%)	43 (43,5%)

Quanto mais o jovem se aproxima da fase adulta, mais próximo deve estar de estímulos similares aos da competição (BOMPA, 2000). O treino integrado foi destacado nesta etapa por seis treinadores (43,5%), quando indicaram que a estruturação do treino dos atletas necessita ser orientada para a otimização do desempenho, devendo os conteúdos de treino serem abordados conjuntamente. A título exemplificativo, os entrevistados 5 e 7 relataram que o planejamento do treino baseia-se nas principais competições que se realizam durante a época desportiva.

Nesta etapa, a necessidade de tornar a performance sustentável foi salientada pelos investigados, principalmente para assegurar a estabilização de determinados componentes resultantes do treino integrado, assim como a melhoria de outros impostos pela competição. O incremento da performance, de acordo com ERICSSON (2003), requer desafios e envolvimento ativo e intencional em atividades selecionadas especificamente para esse fim, isto é, a prática deliberada. Além disso, esse incremento só se efetiva se o jogador for capaz de melhorar aspectos da performance (exemplo: desenvolvimento da capacidade perceptiva) sem descuidar outros (ex: a capacidade física), o que significa que é capaz de manter determinado nível de proficiência (consistência) (MESQUITA, 2008).

Entretanto, quando os treinadores foram questionados sobre a importância atribuída aos conteúdos de treino, curiosamente o treino físico assumiu a primazia (39,9%), em relação ao treino tático (30,1%), técnico (16,3%) e psicológico (13,7%). No presente estudo, a maior incidência, nesta etapa, nas capacidades condicionais (62,1%) do que nas capacidades coordenativas (37,9%), com destaque para o desenvolvimento da força explosiva, explicam a valorização da componente física por parte dos treinadores. A elevada importância do fator físico, com destaque para a força explosiva na obtenção de elevado rendimento nesta modalidade, é reiterada por diferentes autores (DYBA, 1982; FLECK, 1982; LENDERS, 1999; POLIQUIN, 1988; SMITH, ROBERTS & WATSON, 1992).

O refinamento técnico foi considerado como um indicador importante nesta etapa de formação. De fato, somente por meio do refinamento das especificações da técnica, particularmente da fase autônoma da aprendizagem em que a execução motora requer menor atenção (TANI, SANTOS & MEIRA JÚNIOR, 2006), o praticante pode ocupar-se com outros aspectos do desempenho, no que diz respeito aos aspectos perceptivos e cognitivos.

De uma forma geral, os treinadores defenderam que até a categoria infanto-juvenil (até aos 16 anos), os atletas necessitam dominar todos os fundamentos

do jogo e a técnica específica de cada função, corroborando os resultados dos estudos sobre o processo de treinamento em equipes infantis (COLLET, NASCIMENTO, RAMOS & DONEGÁ, 2007) e infanto-juvenis (ANFILO & SCHIGUNOV, 2004) brasileiras de Voleibol. A partir daí, o aprofundamento do trabalho técnico deve ser dirigido especificamente para cada posição, como expressa um excerto do treinador 3:

A gente as vezes até brinca com os meninos, que eles tem que dormir abraçados com a bola...o levantador tem que conseguir colocar a bola onde quer até de olho fechado...do mesmo jeito que o ponteiro tem que entregar a bola na mão do levantador, e para isso acontecer tem que treinar muito.

O comprometimento com o treino representa que, os jovens jogadores devem fazer um grande investimento de tempo e de esforço, no sentido de realmente se prepararem para se tornarem atletas de alto nível (BLOOM, 1985; ERICSSON, KRAMPE & TESCH-RÖMER, 1993). Sete treinadores destacaram esta categoria, afirmando que as exigências são muito maiores, sendo os jovens agora encarados como “verdadeiros” atletas. COTÊ (1999) e COTÊ e HAY (2002) afirmam que esta etapa é particularmente importante, porquanto os adolescentes passam a encarar a prática do Desporto como uma atividade séria, iniciando-se a concretização das expectativas criadas nas etapas anteriores, em relação a tornar-se efetivamente um jogador.

HOLT e DUNN (2004) destacam quatro competências psicossociais cruciais de sucesso no futebol juvenil de alto rendimento: disciplina, comprometimento, resiliência e suporte social. Contudo, não deve ser esquecido que os adolescentes ainda estão em idade escolar, devendo existir equilíbrio entre as exigências desportivas e as prerrogativas educativas (DE KNOP et al., 1999; HOULIHAN, 2000; MESQUITA, 2006; SHAPSON, 2002).

No Brasil, DA MATTA (2004) identificou um ponto crítico na relação do sistema educativo com o desportivo. Os jovens jogadores, em função do sistema educacional brasileiro, não raramente têm que fazer a opção pelo estudo, na preparação para o ingresso na universidade, ou enveredar pela carreira de atleta de alto rendimento, o que pode vir a ser precoce, deixando o ensino em segundo plano.

O estabelecimento de relações de compromisso formal, entre os sistemas educativo e desportivo, torna-se crucial na implementação de políticas desportivas qualificadas, as quais apelam ao desenvolvimento integral dos jovens praticantes, não descuidando a sua formação enquanto cidadãos, com

direito a uma educação plena, civicamente fundada (HOULIHAN, 2000; MESQUITA, 2004). A cooperação entre instituições na promoção do Desporto, que assente numa estrutura sólida de apoio à prática desportiva organizada para crianças e jovens, parece ser uma questão não mais adiável no Brasil. Acredita-se

que tal situação exige, antes de mais, uma renovação de mentalidades e de conceitos, onde a valência formativa do Desporto assuma importância primordial, entendida por todos como algo que está para além das pessoas, dos espaços e dos tempos e se perpetua na cultura do Homem (BENTO, 1999).

Conclusão

O presente estudo evidenciou o desconhecimento geral por parte dos investigados acerca da existência de um modelo brasileiro de formação desportiva do voleibolista a longo prazo.

Em termos gerais, os treinadores “experts” do presente estudo reiteram os pressupostos enunciados nos modelos de desenvolvimento desportivo de longo prazo, emergentes nas pesquisas recentes realizadas neste domínio. Os treinadores investigados confirmam que o Voleibol é uma modalidade de especialização tardia. Além disso, há consenso que a idade de iniciação da sua prática sistemática se situa no início da adolescência, por volta dos 13 anos, reiterando as indicações da literatura especializada através de testemunhos de atletas de elite. Do mesmo modo, a preocupação em dotar os atletas de uma formação progressivamente mais especializada, tanto em referência às exigências da modalidade, quanto respeitando os estágios de desenvolvimento dos atletas, também ficou evidenciada entre os participantes do estudo. Salientou-se a passagem gradual de uma prática baseada no jogo deliberado e na vivência de experiências motoras diversificadas, com ênfase no desenvolvimento das capacidades coordenativas, para uma prática deliberada, estruturada em referência às prerrogativas de rendimento, onde o comprometimento com a modalidade é intensificado.

Entretanto, a falta de especificação da modelação dos conteúdos de treino ao longo das etapas, numa perspectiva de articulação horizontal e vertical pode dever-se, em grande medida, à possível inexistência

de um modelo nacional de formação desportiva de longo prazo. A existência de um modelo com suporte institucional, difundido para toda a comunidade desportiva, poderia permitir o seu uso generalizado em todo o país, com diretrizes concretas que apoiariam os treinadores na operacionalização dos processos de formação desportiva de longo prazo. A prerrogativa em dotar a formação desportiva, nomeadamente no Desporto infanto-juvenil, de bases conceituais e metodológicas robustas, formalmente delineadas pelas entidades desportivas responsáveis da modalidade, torna-se crucial na qualificação dos processos de formação desportiva a longo prazo, alicerce do encaminhamento dos mais dotados para o alto rendimento e da filiação sustentada das crianças e jovens ao Desporto para a vida (MESQUITA, 2004).

Não se deixando de reconhecer a importância do presente estudo na identificação das concepções dos treinadores “experts” brasileiros acerca do processo de formação desportiva a longo prazo do jogador de Voleibol, a aplicação de estudos longitudinais caracterizadores desse processo proporcionaria um maior contributo para o domínio da prática e para a investigação. Todavia, a ausência de estudos publicados neste âmbito, na realidade brasileira, legitimou a realização do presente estudo, considerando-se necessário, no futuro, avançar para procedimentos metodológicos que permitam indagar acerca do delineamento e operacionalização dos processos de formação desportiva a longo prazo do jogador brasileiro de Voleibol.

Abstract

Expert coaches conceptions concerning the sport development of the volleyball player

The aim of the present study was to examine the conceptions of expert coaches concerning the volleyball player's long term sport development. The participants were 10 expert coaches. The sample presented 45 ± 13.8 years old and 24.8 ± 12.1 years of coaching experience in the Brazilian volleyball. Data collection

was accomplished through structured open answer interviews based on FERNANDES' protocol (2004). Its content adaptation to sociocultural and sportive Brazilian reality was accomplished through expert validation. The treatment of the information was accomplished through content analysis, with logic-semantic procedures of the prevalent ideas in the corpus of interviews. The reliability of codification was assured by percentage accord of the same encoder and the different encoders, registering values between 95% and 100%. The present study evidences that no participant knows about the existence of a national long term sport development model for a volleyball player. Moreover, coaches confirmed that the Volleyball is a sport of late specialization, being a widespread consensus that the age of initiation of systematic practice is in the beginning of adolescence, around the age of 13 years old. The components of sport development throughout the stages highlight the practice of the deliberate play in the first stage, where diversified motor experiences prevail. From the second stage, the deliberate practice increases with the acquisition of specific competences and commitment with the modality. The absence of specification of the training contents along the stages, as well as the scanty reference to the psychosocial competences along the stages, can be due, in great measure, to the inexistence of a national model of long term sport development.

UNITERMS: Coaches; Sport development; Player; Volleyball.

Referências

- ABERNETHY, B.; BAKER, J.; COTÊ, J. Transfer of pattern recall skills may contribute to the development of sport expertise. **Applied Cognitive Psychology**, Chichester, v.19, n.6, p.705-18, 2005.
- AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS (AAP). Intensive training and sports specialization in young athletes. **Pediatrics**, Champaign, v.106, p.154-7, 2000.
- ANFILO, M.A.; SHIGUNOV, V. Reflexões sobre o processo de seleção e preparação de equipes: o caso da seleção brasileira masculina de Voleibol infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v.6, n.1, p.17-25, 2004.
- ARMSTRONG, N.; WELSMAN, J. Essay: physiology of the child athlete. **The Lancet**, London, v.366, p.S44-S45, 2005.
- AMERICAN VOLLEYBALL COACHES ASSOCIATION (AVCA). **The official handbook of the American Volleyball Coaches Association**. Lexington: AVCA, 1989.
- ARUFE GIRÁLDEZ, V.; MARTINEZ PATIÑO, M.J.; GARCIA SOIDÁN, J.L. (Eds.). **La iniciación deportiva: un enfoque multidisciplinar**. Galicia: Asociación Cultural Atlética Gallega, 2006.
- BAKER, J. Early specialization in youth sport: a requirement for adult expertise? **High Ability Studies**, v.14, n.1, p.85-94, 2003.
- BAKER, J.; COTÊ, J.; ABERNETHY, B. Sport specific training, deliberate practice and the development of expertise in team ball sports. **Journal of Applied Sport Psychology**, Chapel Hill, v.15, p.12-25, 2003.
- BALYI, I. **Quadrennial and double quadrennial planning of athletic training**. Victoria: Canadian Coaches Association, 1990.
- _____. **Sport system building and long-term athlete development in British Columbia**. Victoria: SportsMed, 2001.
- BALYI, I.; HAMILTON, A. **Long-term athlete development: trainability in childhood and adolescence: windows of opportunity, optimal trainability**. Victoria: National Coaching Institute British Columbia & Advanced Training and Performance, 2004.
- BARBANTI, V.J. **Formação de esportistas**. São Paulo: Manole, 2005.
- BENTO, J. Contextos e perspectivas. In: BENTO, J.; GRAÇA, A. (Eds.). **Contextos da pedagogia do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p.17-112.
- BERMUDEZ, S.R.; CHAURRA, J.T. Orientações para a planificação do treino com crianças. **Revista Treino Desportivo**, Lisboa, v.5, n.21, p.38-45, 2002.
- BLOOM, B.S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.
- BOMPA, T. **Periodization: theory and methodology of training**. Champaign: Human Kinetics, 1999.
- _____. **Total training for young champions**. Champaign: Human Kinetics, 2000.
- BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. **Bulletin of Physical Education**, Driffield, v.18, n.1, p.5-8, 1982.

- BURDEN, P. Teacher development. In: HOUSTON, W.R. (Ed.) **Handbook of research on teacher education**. New York: MacMillan, 1990. p.311-28.
- CANADIAN VOLLEYBALL ASSOCIATION (CVA). **Coaches manual level III**. Ottawa: Canadian Volleyball Association, 1997.
- COLLET, C.; NASCIMENTO, J.V.; RAMOS, M.H.K.P.; DONEGÁ, A. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento no voleibol infantil masculino em Santa Catarina. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.18, n.2, p.147-59, 2007.
- COTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sports. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.13, p.395-417, 1999.
- COTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In: STARKES, J.L.; ERICSSON, K.A. (Eds.). **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p.89-113.
- COTÉ, J.; HAY J. Children’s involvement in sport: a developmental perspective. In: SILVA, J.M.; STEVENS, D. (Eds.). **Psychological foundations of sports**. 2nd ed. Boston: Benjamin Cummings, 2002. p.484-582.
- DA MATTA, G. **The influence of deliberate practice and social support systems on the development of expert and intermediate women volleyball players in Brazil**. 2004. Tese (Doutoramento em Filosofia) - University of South Carolina, Columbia, 2004.
- DE KNOP, P.; WYLLEMAN, P.; THEEBOOM, M.; DE MARTELAER, K.; VAN HOECKE, J.; VAN HEDDEGEM, L. The role of contextual factors in youth participation in organized sport. **European Physical Education Review**, Manchester, v.5, n.2, p.153-68, 1999.
- DYBA, W. Physiological and activity characteristics of volleyball. **Volley Tech Journal**, v.6, n.3, p.33-51, 1982.
- ERICSSON, K.A. Development of elite performance and deliberate practice: an update from the perspective of the expert performance approach. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K.A. (Eds.). **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p.49-83.
- ERICSSON, K.A.; KRAMPE, R.T.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, Washington, v.100, n.3, p.363-406, 1993.
- ESTRIGA, L.; MAIA, J. Um estudo exploratório com treinadores e docentes de voleibol sobre a orientação desportiva de crianças e jovens. In: MESQUITA, I.; MOUTINHO, C.; FARIA, R. (Eds.). **Investigações em voleibol: estudos ibéricos**. Porto: FCDEF-UP, 2003. p.210-9.
- FEDERATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBALL (FIVB). **Coaches manual**. Lausanne: FIVB, 1989.
- FERNANDES, J.J.M. **Concepção dos treinadores experts acerca do modelo de formação desportiva do voleibolista português**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2004.
- FLECK, S. Strength training program for women’s volleyball. **Strength Coaches Association**, Champaign, v.4, n.3, p.36-42, 1982.
- HELSEN, W.; WINCKEL, J.; WILLIAMNS, A. The relative age effect in youth soccer across Europe. **Journal of Sports Sciences**, London, v.23, n.6, p.629-36, 2005.
- HILL, G.M. Youth sport participation of professional baseball players. **Sociology of Sport Journal**, Champaign, v.10, p.107-14, 1993.
- HOLT, N.; DUNN, J. Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with Soccer Success. **Journal of Applied Sport Psychology**, Chapel Hill, v.16, n.3, p.199-219, 2004.
- HOULIHAN, B. Sporting excellence, schools and sports development: the politics of crowded policy spaces. **European Physical Education Review**, Manchester, v.6, n.2, p.171-93, 2000.
- KROGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola**. São Paulo: Phorte, 2005.
- LAUNDER, A G. **Play practice**: the games approach to teaching and coaching sports. Champaign: Human Kinetics, 2001.
- LENDERS, T. Volleyball and strength training: just a load? **The coach**, v.2, p.24-30, 1999.
- MARQUES, A.T. A periodização do treino em crianças e jovens: resultado de um estudo nos centros experimentais de treino da FCDEF-UP. In: BENTO, J., MARQUES, A. (Eds.). **A ciência do desporto e a cultura do homem**. Porto: FCDEF, 1993. p.243-58.
- _____. As crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino, entre os centros de treino e a escola. In: ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. (Eds.). **Seminário internacional de treino de jovens**. Lisboa: Centro de Estudos de Formação Desportiva, 1999. p.17-30.
- _____. Desporto: ensino e treino. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. (Eds.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.142-6.

- MARQUES, A.T.; MAIA, J.; OLIVEIRA, J.; PRISTA, A. Training structure of portuguese young athletes. In: MARQUES, A.; MAIA, J.; OLIVEIRA, J.; PRISTA, A. (Eds.). **10 anos de atividade científica da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física**. Porto: FCDEF, 2000. p.270-279.
- MARTIN, D. Capacidade de performance e desenvolvimento no desporto de jovens. In: ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. (Eds.). **Seminário internacional treino de jovens**. Lisboa: Secretaria do Estado do Desporto, 1999. p.37-59.
- McPHERSON, S.L. Expert novice difference in performance skills and problem representations of youth and adults during tennis competition. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Washington, v.70, n.3, p.233-51, 1999.
- MESQUITA, I. Refundar a cooperação escola-clubes no desporto de crianças e jovens. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Eds.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2004. p. 143-70.
- _____. Ensinar bem para aprender melhor o jogo de voleibol. In: TANI,G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. (Eds.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.327-44.
- _____. A magnitude adaptativa da técnica nos jogos desportivos: fundamentos para o treino. In: TAVARES, F.; GRAÇA, A.; GARGANTA, J.; MESQUITA, I. (Eds.). **Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos**. Porto: Editora da FADEUP, 2008. p.93-107.
- MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Probing the strategic knowledge of an elite volleyball setter: a case study. **International Journal of Volleyball Research**, Austin, v.5, n.1, p.6-12, 2002.
- MESQUITA, I.; GRAÇA, A.; GOMES, A.; CRUZ, C. Examining the impact of a step game approach to teaching volleyball on student tactical decision making and skill execution during game play. **Journal of Human Movement Studies**, London, v.48, p.469-92, 2005.
- MUSCH, E.; MERTENS, B.; TIMMERS, E.; MERTENS, T.; GRAÇA, A.; TABORSKY, F.; REMY, C.; DE CLERCQ, D.; MULTAEL, M.; VONDERLYNCK, V. An innovative didactical invasion games model to teach basketball and handball. In: ANNUAL CONGRESS OF THE EUROPEAN COLLEGE OF SPORT SCIENCE, 7., 2002, Athens. **Proceedings...** Athens: Pashalidis Medical Publisher/European College of Sports Science, 2002. 1 cd-rom.
- PAES, R. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.219-26.
- PATTON, M.Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2nd. ed. Newbury Park: Sage, 1990.
- PEARSON, D.T.; NAUGHTON, G.A.; TORODE, M. Predictability of physiological testing and the role of maturation in talent identification for adolescent team sport. **Journal of Science and Medicine in Sport**, Belconnen, v.9, p.277-87, 2006.
- POLIQUIN, C. Strength training for volleyball. In: CANADIAN VOLLEYBALL ASSOCIATION. **Coaches manual volleyball III**. Ottawa: CVA, 1988. p.140-52.
- RINK, J.; FRENCH, K.E.; TJEERDSMA, B.N. Foundations for the learning and instruction of sport and games. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v.15, p.399-417, 1996.
- SHAPSON, D.H. **Elite youth sport: risk, decision-making and educational options**. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes) - School of Communication, Simon Fraser University, Vancouver, 2002.
- SILVA, F.M.; FERNANDES, L.; CELANI, F. Desporto de crianças e jovens: um estudo sobre as idades de iniciação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.1, n.2, p.45-55, 2001.
- SMITH D. J.; ROBERTS D.; WATSON, B. Physical, physiological and performance differences between Canadian national team and universiade volleyball players. **Journal of Sports Sciences**, London, v.10, n.2, p.131-38, 1992.
- TABACHNICK, B.; FIDELL, L.S. **Using multivariate statistics**. 3rd. ed. New York: Harper Collins, 1996.
- TANI, G.; SANTOS, S.; MEIRA JÚNIOR, C.M. O ensino da técnica e a aquisição de habilidades motoras no desporto. In: TANI,G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. (Eds.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.227-40.
- TURNER, A.P.; MARTINEK, T.J. A comparative analysis of two models for teaching games (technique approach and game centered approach). **International Journal of Physical Education**, Schorndorf, v.29, n.4, p.15-31, 1992.
- VAN DER MARS, H. Observer reliability: issues and procedures. In: DARST, P.; ZAKRAJSEK, D.B.; MANCINI, V. (Eds.). **Analyzing physical education and sport instruction**. 2nd. ed. Champaign: Human Kinetics, 1989. p.53-79.
- WEINECK, J. **Treinamento ideal**. 9. ed. São Paulo: Manole, 1999.
- WILLIAMS, A.M.; REILLY, T. Talent identification and development in soccer. **Journal of Sports Sciences**, London, v.18, p.657-67, 2000.
- WILLIAMS, A.M.; WARD, J. Perceptual expertise: development in sport. In: STARKES, J.L.; ERICSSON, K.A. (Eds.). **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p.219-49.

ENDEREÇO

Isabel Mesquita
Faculdade de Desporto
Universidade do Porto
R. Dr. Plácido Costa, 91
4200-450 - Porto - PORTUGAL
e-mail: imesquita@fade.up.pt

Recebido para publicação: 10/04/2008

1a. Revisão: 26/03/2009

2a. Revisão: 25/05/2009

Aceito: 23/09/2009